

Letramentos acadêmicos em comunidades de prática: culturas disciplinares¹

Academic literacies in communities of practice: disciplinary cultures

Désirée Motta-Roth²

Universidade Federal de Santa Maria

Amanda M. Pretto

Universidade Federal de Santa Maria

Anelise S. Scherer

Universidade Federal de Santa Maria

Ana Paula C. Schmidt

Universidade Federal de Santa Maria

Helena Selbach

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo: Práticas pedagógicas de escrita acadêmica requerem o conhecimento das práticas de letramentos pertinentes aos diferentes contextos disciplinares na academia. Partindo desse pressuposto, mapeamos os letramentos acadêmicos em sete comunidades disciplinares: Educação, Linguística (Humanidades), Física, Zoologia (Ciências Naturais e Exatas), Ciência da Computação, Engenharia Elétrica e Mecatrônica (Tecnologias). Analisamos, a partir de um corpus de 466 CVs, a produção escrita, entre 2012 e 2015, de pesquisadores renomados, conforme cinco categorias: 1) área de atuação; 2) distribuição geográfica; 3) gênero social; 4) nível de bolsa PQ/CNPq; 5) frequência da publicação. Os resultados apontam diferenças tanto entre as áreas, associadas a particularidades de comunidades disciplinares, quanto a diferentes gêneros na Participação Periférica Legítima dos participantes. Entendemos que propostas de ensino de escrita que visem qualificar a produção científica beneficiar-se-ão de levantamentos dos gêneros mais

1 Este trabalho é desenvolvido com apoio do CNPq (Bolsa PQ/CNPq nº 309668/2013-1 – referente à primeira autora), FAPERGS (Bolsa PROBIC nº 0441-2551/15-5- referente à segunda autora) e CAPES (Bolsa Demanda Social – referente à quinta autora). Agradecemos aos participantes do Grupo de Trabalho *Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação* (GT-LABLER/UFMS), especialmente à colega Amy Aita Pippi, estudante de Doutorado em Letras, pela leitura crítica e sugestões valiosas ao texto. Os problemas remanescentes são de nossa responsabilidade.

2 Os autores estão listados em ordem alfabética de sobrenomes, indicando contribuição similar de cada um para a realização deste estudo.

Désirée
Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.
Schmidt

Helena Selbach

112

pertinentes em determinada comunidade, ao promoverem um ensino situado, que considere possíveis diferenças nos letramentos acadêmicos de diferentes comunidades.

Palavras-chave: Letramentos acadêmicos. Produtividade científica. Comunidades de produção de conhecimento. Participação periférica legítima. Ensino de produção textual.

Abstract: Academic writing pedagogical practices require knowledge of literacy practices pertinent to different disciplinary contexts in academia. Based on this assumption, we mapped academic literacies in seven disciplinary communities: Education, Linguistics (Humanities), Physics, Zoology (Natural and Exact Sciences), Computer Science, Electrical Engineering and Mechatronics (Technologies). We analyzed, in 466 Lattes profiles, the written production of well-known researchers in Brazilian institutions from 2012 to 2015. We considered five categories: 1) field of knowledge; 2) geographic distribution; 3) gender; 4) type of research scholarship; and 5) publication frequency. Our results indicate differences among areas, which are associated to disciplinary communities' particularities, and different genres in the participants' Legitimate Peripheral Participation. We understand that proposals for the teaching of writing that aim at achieving better scientific production may benefit from genre analyses focused on the practices of specific communities, within the perspective of situated teaching and learning.

Keywords: Academic literacies. Scientific productivity. Communities of knowledge production. Legitimate peripheral participation. Teaching of textual production.

1. Introdução

O progresso científico e tecnológico tem desempenhado um papel central no desenvolvimento econômico das nações. O aumento do registro de patentes em setores que são fomentados pela pesquisa acadêmica, como a Biotecnologia, os dispositivos semicondutores e as telecomunicações, tem sido apontado como um indicador desse protagonismo do conhecimento como capital imaterial (POWELL; SNELLMAN, 2004). Nesse contexto, a academia, vista como local de produção de conhecimento, busca promover a formação de profissionais altamente qualificados, que desenhem tecnologias tanto materiais quanto intelectuais. Em 2016, a sanção do Marco Legal de Ciência, Tecnologia e Inovação (doravante Marco Legal de CT&I), pelo governo brasileiro, estabelece “uma legislação que regula a relação entre entes públicos e privados, com transparência e segurança jurídica, além de reduzir a burocracia e

dar mais celeridade ao processo”.³ O *blog do Planalto da Presidência da República*⁴ ressalta a importância do conceito de “capital intelectual como objeto de cooperação com empresas e órgãos públicos” para “transformar a inovação bem sucedida em patrimônio de toda a sociedade brasileira” (grifos do original).

Essa valorização da ciência como capital intelectual leva à criação, pelo governo federal, em 2011, do Programa Ciências sem Fronteiras (CsF). Essa iniciativa “busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional”.⁵

O desenvolvimento de competências comunicativas interculturais em língua adicional à Língua Portuguesa é pilar central para a participação efetiva no cenário internacional de produção e divulgação do conhecimento e, portanto, para o sucesso do CsF.

Nesse cenário, em termos de ações de política linguística, o governo federal brasileiro instituiu, em 2012, o Programa Inglês sem Fronteiras⁶ (IsF), em uma parceria entre o Ministério da Educação e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com a missão de ofertar cursos a distância/presenciais e aplicar testes de suficiência/proficiência. O IsF tem por principal objetivo disponibilizar cursos gratuitos de língua inglesa a estudantes de graduação e pós-graduação, professores e servidores técnico-administrativos nas universidades federais do País.

Parte substancial da participação na rede internacional de produção de conhecimento depende de competências comunicativas de produção e consumo de textos, em suma, de letramentos acadêmicos, em uma língua adicional, uma vez que a comunicação científica se dá essencialmente por meio de publicação de trabalhos em periódicos internacionais. Via de regra, a qualificação acadêmica/científica de um profissional é indicada pela frequência e qualidade de suas publicações, principal indicador na avaliação tanto da formação de professores/pesquisadores quanto do ensino promovido no nível superior, caracterizando a reputação das instituições. Nesses termos, a busca por reconhecimento acadêmico é um dos fatores que tem motivado os pesquisadores a escrever e publicar resultados da atividade científica.

3 Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/assunto/comunidade-cientifica/>>.

4 Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/assunto/comunidade-cientifica/>>.

5 Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>>.

6 Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/>>.

Désirée

Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.

Schmidt

Helena Selbach

114

Com base nessas considerações, nosso trabalho no Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação (LABLER) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) tem se dedicado, desde 1997, à investigação de práticas de letramentos acadêmicos em diferentes áreas (HENDGES; MOTTA-ROTH, 2000; NASCIMENTO, 2002; MOTTA-ROTH, 2003; MARCUZZO, 2009) e ao desenvolvimento de abordagens pedagógicas (MOTTA-ROTH, 2001; MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010) informadas por dados de pesquisa.

Percebemos a academia como comunidades profissionais de culturas disciplinares, organizadas em sistemas de atividades e práticas de letramentos específicas. Esses sistemas de atividades dizem respeito a agrupamentos de pessoas (sujeitos) que interagem, motivadas pela resolução de um problema comum (objeto/motivo orientado para a busca de resultados), e, para tanto, lançam mão de ferramentas conhecidas no grupo (recursos mediacionais), dentre as quais a escrita ocupa lugar de destaque (RUSSELL, 1997, p. 510).

Cada comunidade disciplinar caracteriza-se por um ciclo contínuo de entrada de novos membros, cuja participação aumenta gradativamente no sistema de atividades dessa comunidade, principalmente por meio de consumo e produção de textos. O aumento gradativo da participação dos membros no sistema acontece em deslocamentos, desde uma ação mais periférica até uma ação mais protagonista e central. Esse aumento gradativo de participação define o conceito de aprendizagem para Lave e Wenger (1991), que o nomeiam de Participação Periférica Legítima (PPL).

Cada comunidade se constitui como uma cultura disciplinar específica com “diferentes configurações de características textuais” de acordo com os “diversos modos de propor conhecimento” (MOTTA-ROTH, 1996, p. 123) em cada contexto de produção. A compreensão do modo como os gêneros discursivos constituem a prática acadêmica em cada disciplina é fundamental para “publicar, exercer influência na área, ser citado” (BAWARSHI; REIFF, 2013). Ao mesmo tempo, o ensino de produção e consumo de textos precisa estar baseado no conhecimento dos gêneros mais valorados e das especificidades discursivas de cada disciplina (MOTTA-ROTH, 1996, p. 125). Toda pedagogia, portanto, deve ser subsidiada por pesquisa e vice-versa.

No contexto brasileiro, o avanço científico e tecnológico é estimulado por meio de incentivos das agências de fomento (tais como

CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, etc.) a projetos de pesquisa, ensino e extensão, realizados tanto no país quanto no exterior. Dentre esses incentivos, destacamos os dois níveis de bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq (bolsas PQ)⁷: a) 2 e b) 1, sendo que a categoria 1 subdivide-se em 1D, 1C, 1B e 1A. Segundo o CNPq, essas bolsas são “[d]estinada[s] a pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos.”⁸

Neste trabalho, entendemos as categorias de bolsa PQ como uma forma de representar a progressão da PPL desses pesquisadores nas comunidades de produção de conhecimento das quais fazem parte. Nesse sentido, considerando um recorte temporal específico, a produção escrita acadêmica de um pesquisador PQ 1D pode diferir da produção de um pesquisador 1A, participante da mesma comunidade de produção de conhecimento, na medida em que esses pesquisadores assumem papéis sociais relativamente mais periféricos ou mais protagonistas na comunidade.

Com vistas a subsidiar nossa prática pedagógica de línguas para fins acadêmicos, o objetivo do presente trabalho é mapear, em 466 CVs *Lattes* de um recorte da população de pesquisadores PQ (níveis 1D, 1C, 1B e 1A), as práticas de letramentos acadêmicos, entre 2012 e 2015, em sete comunidades de produção de conhecimento associadas a três áreas: 1) Educação (EDU), 2) Linguística (LIN), nas Humanidades (HUM); 3) Física (FIS), 4) Zoologia (ZOO), nas Ciências Naturais e Exatas (CNE); 5) Ciência da Computação (COM), 6) Engenharia Elétrica (ELE) e 7) Mecatrônica⁹ (MEC), nas Tecnologias (TEC).

Fazemos um levantamento dos gêneros discursivos em que esses pesquisadores se engajam e da frequência desse engajamento na forma de publicações para mapear as práticas de letramentos acadêmicos em cada uma dessas sete comunidades de prática. Para verificar a PPL

⁷ Há ainda bolsa PQ Sênior, destinada ao “pesquisador que se destaque entre seus pares como líder e paradigma na sua área de atuação, valorizando sua produção científica e tecnológica, segundo requisitos e critérios normativos” (disponível em: <<http://cnpq.br/apresentacao13/>>). Essa bolsa não foi considerada em nosso trabalho.

⁸ Informações sobre as diferentes categorias de bolsas e auxílios do CNPq estão disponíveis em <<http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao13/>>.

⁹ “Mecatrônica” integra as comunidades de 1) Engenharia Mecatrônica e 2) Robótica, Mecatrônica e Automação. No presente artigo, computamos os dados dos PQs dessas duas comunidades sob a denominação de “Mecatrônica”.

Désirée
Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.
Schmidt

Helena Selbach

116

de pesquisadores PQ em cada comunidade, levamos em consideração o estatuto de pesquisador PQ e o deslocamento progressivo desses pesquisadores entre os níveis 1D, 1C, 1B e 1A (em ordem crescente de experiência na comunidade).

A base de dados do CNPq tem sido usada em pesquisas de diferentes áreas como Ciências da Saúde (MENDES *et al.*, 2010), Humanidades (WEBER *et al.*, 2015) e Exatas (ALVES; YANASSE; SOMA, 2014) na investigação da produção escrita e do perfil de pesquisadores PQ. Esses levantamentos combinam variáveis de diferentes naturezas, tais como publicações mais frequentes, distribuição geográfica do pesquisador e gênero social.

Essas pesquisas apontam a predominância do artigo científico como a produção escrita mais publicada por pesquisadores nas diferentes comunidades. Herculano e Norberto (2012), por exemplo, realizam um estudo longitudinal em diferentes comunidades da área de Humanas (Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Pedagogia) e verificam a preferência pelo artigo científico, seguido de capítulo de livro. Em algumas comunidades como a Química (ALVES; YANASSE; SOMA, 2014), a produtividade é quase que exclusivamente em periódicos nacionais, sendo que o maior volume dessas publicações é associado a pesquisadores mais experientes (nível 1A).

Da mesma forma, Santos W. *et al.* (2015) constatam a ênfase dada a artigos, na comunidade de Enfermagem, destacando a classificação de periódicos pelo indicador *Qualis*¹⁰ da CAPES. Os autores identificam diferenças entre pesquisadores PQ quanto aos periódicos para publicação: apenas pesquisadores 1A tiveram artigos aceitos em periódicos de maior impacto (*Qualis* A1), enquanto pesquisadores de nível 1D, 1C e 1B tiveram textos aceitos em periódicos de *Qualis* inferior. A mesma tendência se dá em Medicina (MENDES *et al.*, 2010), comunidade na qual artigos são geralmente associados a pesquisadores de nível 1A, enquanto pesquisadores de nível 1D publicam mais frequentemente capítulos de livros. Na Psicologia, da mesma forma, há correlação entre o nível do pesquisador e o gênero discursivo publicado: pesquisadores 1A publicam mais artigos enquanto pesquisadores 1B publicam mais livros e capítulos. A comunidade de Psicologia é caracterizada por uma grande

10 Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>.

quantidade de publicação, no entanto, sem priorizar periódicos *Qualis A*. Embora os autores não apresentem explicação para essa tendência, podemos especular que a instância de revisão de artigos por pares pode ser mais seletiva do que a de coletâneas, exigindo maior experiência em publicação científica.

Outro aspecto apontado é a concentração de produção acadêmica no Sudeste do Brasil. Na comunidade de Psicologia, essa desigualdade entre as regiões é associada por Weber *et al.* (2015) ao maior investimento da Região Sudeste em educação, especificamente em pós-graduação, oportunizando um crescimento de pesquisadores PQ no estado de São Paulo. Entre 2009 e 2011, o estado de São Paulo recebeu um investimento aproximadamente 370 vezes maior do que o Rio Grande do Sul (WEBER *et al.*, 2015, p. 5). Essa distribuição geográfica se mantém em comunidades como Enfermagem (SANTOS W. *et al.*, 2015), Medicina (MENDES *et al.*, 2010), Psicologia (WEBER *et al.*, 2015) e Química (ALVES; YANASSE; SOMA, 2014).

Uma terceira variável é ainda considerada em pesquisas sobre letramentos acadêmicos. Mendes *et al.* (2010) constatam, sobre a produção científica de 383 pesquisadores da comunidade de Medicina, no período de 2005 a 2007, o predomínio de pesquisadores PQ do gênero social masculino (66,1%). Essa constatação é atribuída à recência da participação de pesquisadoras na área científica, em função da tradicional dedicação da mulher à vida familiar e à maternidade. Também na Química, Alves, Yanasse e Soma (2014) verificam que 67,9% de um total de 695 pesquisadores investigados entre 2002 a 2011 são do gênero social masculino.

Um padrão diferente de distribuição de gênero social se verifica na comunidade de Enfermagem. Santos W. *et al.* (2015) analisam 186 CVs *Lattes*, entre 2010 e 2012, e encontram um campo profissional essencialmente ocupado por pesquisadoras (94,6%), conforme dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2011). Esses resultados são associados pelos autores ao fato histórico da enfermagem “ser uma profissão feminina” (SANTOS W. *et al.*, 2015, p. 848) em contraste com comunidades da Medicina como Cardiologia, Neurociência e Patologia Bucal (SANTOS M. *et al.*, 2015, p. 852). Na Psicologia, os resultados de Weber *et al.* (2015), sobre a produção de 295 pesquisadores PQ, também indicam uma caracterização desse campo profissional como historicamente feminino.

Désirée

Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.

Schmidt

Helena Selbach

118

Nossa inferência sobre esses dados é que o intervalo de cinco anos entre as pesquisas de Enfermagem (SANTOS W. *et al.*, 2015) e Medicina (MENDES *et al.*, 2010) pode ser um fator significativo na medida em que, desde a década de 90, o ingresso de mulheres no ensino superior tem crescido gradativamente, embora em ritmos diferenciados nas várias comunidades, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verificados por Castro e Yamamoto (1998).

A fim de contribuir para os estudos sobre letramentos acadêmicos e oferecer subsídios a propostas de ensino de escrita, buscamos investigar possíveis diferenças nos letramentos acadêmicos de diferentes comunidades ao responder às seguintes perguntas:

- 1) Em que medida nossos dados confirmam ou refutam os dados de pesquisa prévia quanto à região/localização geográfica e gênero social dos pesquisadores PQ?
- 2) Que gêneros discursivos são mais e menos frequentes em cada comunidade de prática?
- 3) Que gêneros discursivos são mais e menos frequentes por nível de pesquisador PQ em cada comunidade?

Para responder a essas perguntas e explorar particularidades de publicação associadas a cada comunidade, primeiramente descrevemos os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação. A seguir, na seção 3, apresentamos uma síntese dos dados gerados e discutimos os resultados e suas implicações para o desenvolvimento de letramentos acadêmicos.

Ao descrever práticas letradas em termos de frequência, produção escrita e PPL, a partir de dados disponibilizados pelos pesquisadores PQ, buscamos, em última instância, oferecer subsídios para práticas pedagógicas voltadas ao ensino de produção textual no contexto universitário.

2. Metodologia

Os dados sobre as práticas letradas dos pesquisadores de produtividade em pesquisa (PQ) do nosso *corpus* foram gerados no período de 09 a 14 de fevereiro de 2016, por meio de busca na base de dados do CNPq¹¹, a partir de cinco categorias: 1) área de atuação (*grandes áreas* – p. ex., *Linguística, Letras e Artes* – e áreas – p. ex., *Linguística*); 2) distribuição

¹¹ Disponível em: <<http://cnpq.br/bolsistas-vigentes>>.

geográfica (estados e instituições); 3) gênero social; 4) nível de bolsa PQ (dentro da categoria 1); 5) produtividade dos PQs no período entre 2012 e 2015, em termos de publicação.

Para geração de dados, fizemos uma busca inicial pela relação total de PQs nas comunidades selecionadas, usando *Todos os níveis* como filtro, com vistas à identificação e eliminação de perfis repetidos. Em seguida, realizamos um levantamento, considerando os níveis (de 1D a 1A), chegando a um total de 969 CVs *Lattes*. Uma vez que estudamos sete comunidades, e considerando que várias dessas comunidades tinham um número de PQs superior a 10, adotamos dois critérios para delimitação da amostra.

Selecionamos aleatoriamente PQs em intervalos regulares de cinco, iniciando do zero, por ordem alfabética, de tal forma que foram selecionados o 1º, o 5º e o 6º, o 10º e o 11º da lista, e assim sucessivamente. Quando as listas geradas pela base de dados apresentavam registros iguais ou inferiores a 10, todos os PQs foram selecionados, como foi o caso da comunidade de MEC. Considerando esses intervalos, geramos uma amostra de 466 CVs *Lattes* de PQs categoria 1, distribuídos nas sete comunidades, conforme Tabela 1.

COMUNIDADE	CVs POR NÍVEL				TOTAL AMOSTRA
	1A	1B	1C	1D	
FIS	31	40	48	66	185
ZOO	10	11	11	11	43
COM	10	11	15	23	59
ELE	12	13	10	25	60
MEC	-	2	1	9	12
EDU	13	9	15	31	68
LIN	7	9	9	14	39
TOTAL	83	95	109	179	466

Tabela 1 – CVs da amostra por comunidade e nível

A partir dessa amostra, identificamos os dados referentes aos PQs, considerando o período selecionado (2012-2015): 1) instituição de origem; 2) número de publicações de a) artigos, b) livros, c) capítulos, d) trabalhos completos publicados em anais e e) “outros gêneros” (por exemplo, notícias de popularização/comunicação da ciência, prefácios, apostilas, *short notes* e entrevistas). Comparamos os dados obtidos, buscando responder às perguntas de pesquisa.

Désirée
Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.
Schmidt

Helena Selbach

120

Orientadas pelas questões de pesquisa, mapeamos a **frequência dos gêneros discursivos**, calculando o percentual médio de publicação por PQs, por comunidade e nível. Na próxima seção, descrevemos e discutimos os dados gerados por meio dos procedimentos acima descritos.

3. Resultados e discussão

Quanto à distribuição geográfica e gênero social, nossos dados corroboram estudos prévios sobre o perfil de pesquisadores. Assim como em Mendes *et al* (2010) e Alves, Yanasse e Soma (2014), o perfil dos PQs em nosso *corpus* é de maioria masculina nas comunidades de CNE e de TEC, enquanto que, nas HUM, a maioria é feminina. Os PQs de todas as comunidades investigadas concentram-se na Região Sudeste, assim como constatado por Mendes *et al.* (2010), Alves, Yanasse e Soma (2014), Santos W. *et al.* (2015) e Weber *et al.* (2015).

Com relação à produção escrita dos pesquisadores, estudos prévios focalizam exclusivamente artigos, vistos como produção científica mais significativa em Enfermagem (SANTOS W. *et al.*, 2015), Psicologia (WEBER *et al.*, 2015) e Química (ALVES; YANASSE; SOMA, 2014). Em nossa pesquisa, entretanto, consideramos artigos como um dos gêneros integrantes de um conjunto de publicações variadas constitutivo de um sistema mais amplo de atividades acadêmicas, tais como capítulo de livro e trabalho completo em anais.

Ao considerarmos os dados em detalhe, percebemos diferenças entre as comunidades acadêmicas estudadas. Por exemplo, em MEC, não encontramos registros da existência de PQs 1A, talvez em consequência de sua recência como área de pesquisa em comparação às outras. Já as HUM se diferenciam das outras áreas na medida em que são compostas por maioria feminina. Outra diferença a chamar a atenção é a produção expressiva de capítulos de livros em HUM, fugindo do padrão de publicação de artigos, encontrado em todas as outras comunidades.

Para explorar essas diferenças, organizamos a presente seção em duas subseções, orientadas pelas questões de pesquisa. Na seção 3.1, buscamos responder à primeira questão sobre distribuição geográfica e o gênero social dos PQs que fazem parte do *corpus*. Na seção 3.2, tratamos da segunda e da terceira questões sobre os gêneros discursivos escritos mais frequentes, por comunidade e por nível dos PQs.

3.1 O perfil dos pesquisadores PQ: distribuição geográfica e gênero social

Em geral, os PQ encontram-se na Região Sudeste (67,2%), com menor concentração nas Regiões Sul (17,6%) e Nordeste (10,7%). Ainda menos PQs atuam nas Regiões Norte (2,1%), Distrito Federal (1,5%) e no Centro-Oeste (0,9%), conforme ilustra a Figura 1. A grande presença de PQs na Região Sudeste é interpretada por nós em associação à presença de São Paulo nessa região, um estado que contribui com a maior fatia da produção econômica brasileira e com grandes montantes à pesquisa.

Na Região Sul, há uma concentração de PQs no Rio Grande do Sul (RS) (51,8%), seguido do Paraná (PR) (30,9%) e, em menor escala, de Santa Catarina (SC) (17,3%). Creditamos os índices mais altos do RS e PR em comparação a SC às peculiaridades de cada estado. Por décadas, o RS sediou quatro universidades federais, enquanto PR e SC tinham apenas uma cada um. O PR, por sua vez, além da universidade federal, conta com uma rede estadual de universidades de renome.

Algumas peculiaridades nas Regiões Centro-Oeste e Norte dizem respeito à ausência de PQs em algumas comunidades como EDU, LIN, FIS e MEC no Norte, e as COM, ELE e MEC no Centro-Oeste. No Norte, há nove PQs, em maior número em ZOO, agrupados no Pará e no Amazonas, especialmente nas cidades de Belém e Manaus. No Centro-Oeste, há apenas quatro PQs em EDU, FIS, LIN e ZOO. Ressaltamos que o Distrito Federal isolado tem oito PQs em diferentes comunidades como EDU e FIS.

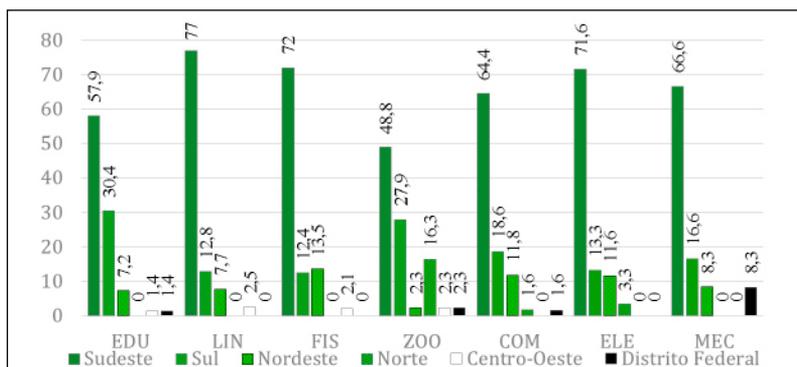


Figura 1 – Pesquisadores em relação à distribuição regional

A falta de representatividade de PQs na Região Norte pode ser explicada pelo menor investimento em pesquisa recebido pelas instituições de ensino superior da região, conforme dados do Ministério da Ciência,

Désirée
Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.
Schmidt

Helena Selbach

122

Tecnologia e Inovação (MCTI) relativos ao ano de 2011 (RODRIGUES, 2014). Outros fatores incluem, segundo Rodrigues (2014, p. 25), a oferta reduzida de cursos de pós-graduação nas universidades do Norte e a migração de doutores formados nessa região para outras localidades do país, o que resulta em um baixo percentual de doutores, potenciais PQs.

Quanto à distribuição de PQs por nível em cada comunidade e região, chama atenção que mais de 50% da amostra dos PQs de cada nível em todas as comunidades acadêmicas estão na Região Sudeste, excetuando-se os PQs 1B da EDU e 1D da ZOO. Os PQs 1B da EDU estão em mais de uma região (Sudeste, 44,4%, Nordeste e Sul, 22,2% cada, Distrito Federal, 8% e Centro-Oeste, 4%). Também no nível 1D da ZOO, observamos uma distribuição mais equilibrada entre as Regiões Norte, Sudeste (36,4% cada) e Sul (27,3%).

Em relação ao gênero social (Figura 2), observamos uma predominância masculina nas comunidades das áreas de CNE (89,8% na FIS e 65,1% na ZOO) e especialmente nas TEC, em que 100% dos PQs da amostra de ELE e de MEC são homens, enquanto na COM, são 75%. Nas comunidades de HUM, o cenário se inverte: as PQs constituem 66,6% da amostra em EDU e 89,3% em LIN.

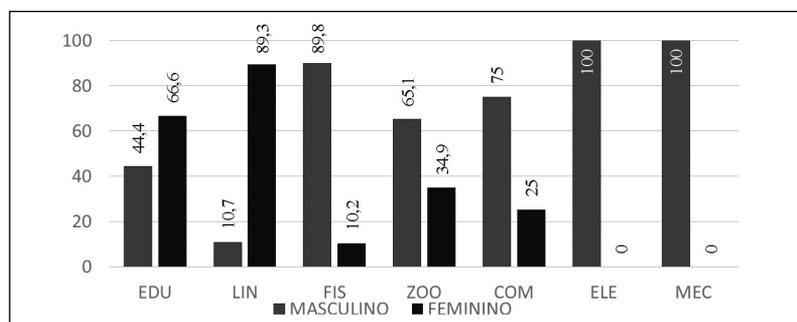


Figura 2 – Pesquisadores em relação a gênero social

Os dados sobre o gênero social dos PQs no *corpus* confirmam o senso comum sobre cada comunidade. Por exemplo, carreiras em TEC são tradicionalmente vistas como masculinas, enquanto EDU e LIN são associadas ao gênero social feminino. Considerando a ocupação gradual da esfera acadêmica por PQs do gênero feminino no último século, essas diferenças de gênero social entre as comunidades sugerem que a inserção feminina nas chamadas “ciências duras” tem se dado em um ritmo menos acelerado, se comparado com a EDU, comunidade de prática historicamente feminina (VIANNA, 2002; SANTOS, 2008).

Na próxima seção, apresentamos o perfil da produção escrita dos PQs investigados.

3.2 Gêneros discursivos escritos mais frequentes

Apesar de o gênero discursivo artigo ser mais frequente nos CVs *Lattes* na maioria das comunidades, nossa análise revela um cenário acadêmico complexo na medida em que cada comunidade de prática tem configurações particulares de publicação científica. Nesta seção, apresentamos uma análise comparativa entre os gêneros discursivos mais frequentes e os níveis PQ e as comunidades de prática, sintetizada na Tabela 2.

Lida na vertical, a Tabela 2 apresenta, na primeira coluna, cada nível de PQs, distribuídos em cada uma das sete comunidades investigadas (identificadas nas segunda e terceira colunas por área (Ar.) e comunidade (Com.). Os PQs são ainda correlacionados aos gêneros discursivos mais frequentemente publicados por eles (da quarta a oitava colunas). Para dados referentes às áreas (HUM, CNE e TEC), a tabela é lida horizontalmente, seguindo a orientação dos três sombreados (cinza claro para CNE, branco para TEC e cinza escuro para HUM).

Nível PQ	Pesquisador por Comunidade		Gêneros discursivos				
			ARTIGO	LIVRO	CAP. DE LIVRO	TRAB. COMP.	OUTROS GÊNEROS
	Ar.	Com.	%	%	%	%	%
1ª	CNE	FIS (31)	93,2	0,9	1,9	1,2	2,8
		ZOO (10)	92,3	1,7	5,1	0,0	0,9
	TEC	ELE (12)	44,3	2,6	4,8	36,8	11,5
		COM (10)	47,4	3,2	5,1	43,6	0,7
		MEC (0)	-	-	-	-	-
	HUM	EDU (13)	29,6	14,5	37,4	5,0	13,5
		LIN (7)	33,2	9,7	40,5	5,7	10,9
1B	CNE	FIS (40)	91,0	1,0	1,8	3,9	2,3
		ZOO (11)	84,1	3,2	7,4	0,5	4,8
	TEC	ELE (13)	43,7	2,7	4,4	38,4	10,8
		COM (11)	36,8	1,9	1,9	58,7	0,7
		MEC (2)	48,3	4,2	1,3	44,6	1,6
	HUM	EDU (9)	35,3	10,1	30,9	14,3	9,4
		LIN (9)	33,0	11,1	39,8	3,6	12,5
1C	CNE	FIS (48)	90,4	0,9	1,6	5,8	1,3
		ZOO (11)	82,7	1,0	14,9	1,0	0,4
	TEC	ELE (10)	43,7	2,9	4,6	38,6	10,2
		COM (15)	45,0	1,0	3,5	50,2	0,3
		MEC (1)	26,0	0,0	0,0	74,0	0,0
	HUM	EDU (15)	39,0	6,9	23,0	21,0	10,1
		LIN (9)	24,1	11,0	35,6	9,8	19,5
1D	CNE	FIS (66)	92,5	0,4	1,3	4,0	1,8
		ZOO (11)	83,4	1,6	9,8	0,0	5,2
	TEC	ELE (25)	39,0	0,1	1,9	58,7	0,3
		COM (23)	36,2	2,8	3,0	55,7	2,3
		MEC (9)	29,1	0,3	7,1	62,0	1,5
	HUM	EDU (31)	35,7	7,2	23,9	21,0	12,2
		LIN (14)	42,2	8,2	28,4	8,2	13

Tabela 2 – Frequência de gêneros discursivos por nível de bolsa PQ e comunidade de prática

Désirée
Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.
Schmidt

Helena Selbach

124

Considerando as particularidades de cada comunidade, podemos afirmar que os gêneros discursivos mais frequentes no *corpus* são artigo, capítulo de livro e trabalho completo em anais. Dentre os gêneros discursivos mais comuns, o artigo é o único significativamente recorrente em todas as comunidades (pois constitui mais de 24% da produção dos PQs de qualquer nível, em todas as comunidades, podendo chegar a 93,2% da produção dos PQs), conforme ilustra a Figura 3. Já o livro e demais gêneros inscritos em “outros gêneros” (prefácio/posfácio, tradução de artigos/livros, apostilas e livros didáticos, por exemplo) são os menos comuns no *corpus*.

Ao analisarmos cada comunidade em detalhe, o padrão se altera. Nas CNE, a frequência de artigos é altíssima em relação à totalidade de produção dos PQs: no mínimo 82,7% (1C da ZOO) e no máximo 93,2% (1A na FIS). Por outro lado, em TEC e HUM, a produção de artigos diminui. Nas TEC, as médias ficam entre 26% (1C em MEC) e 48,3% (1B também em MEC), enquanto, nas HUM, a produção máxima de artigo não passa de 42,2% (1D da LIN) com mínimo de 24,1% (1C também da LIN).

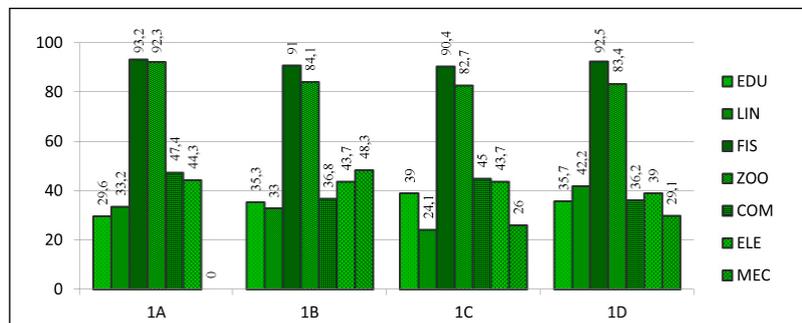


Figura 3 – Gênero artigo por comunidade de prática

Interpretamos essa diferença na produção de artigo por comunidade e nível PQ como resultado do *status* que outros gêneros discursivos assumem nos sistemas de atividades das diferentes comunidades. Considerando o capítulo de livro, verificamos que, nas HUM, ele se equipara ao artigo como os dois gêneros discursivos mais frequentes, sendo que, entre todas as outras comunidades, a frequência do capítulo de livro não ultrapassa 14,9% (1C da ZOO).

A Figura 4 mostra que, nas HUM, as médias de produção de capítulo variam entre 23% (1C da EDU) e 40,5% (1A da LIN). Considerando apenas a comunidade LIN, a média de produção de capítulo de livro

crece à medida que aumenta o nível de PQ 1C (35,6%), 1B (39,8%) e 1A (40,5%). Os PQs 1D em LIN, por outro lado, produzem mais artigos (42,2% de sua produção) do que capítulos (28,4%), indicando que há uma relação inversamente proporcional entre experiência em pesquisa e produção de artigos. Nossa hipótese é de que PQs mais experientes em LIN têm mais chance de serem convidados para integrarem coletâneas que não trazem necessariamente dados novos de pesquisa, enquanto os PQs menos experientes têm mais ímpeto de divulgar resultados de estudos recentes para abrir espaço de inovação, construir reputação e assim conquistar voz nas conversações teóricas.

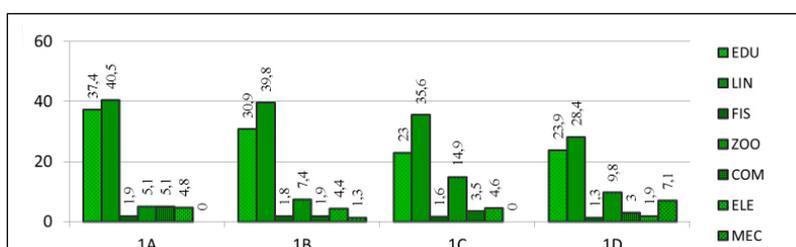


Figura 4 – Gênero capítulo de livro por comunidade de prática

Em EDU, há uma relação semelhante entre médias de produção de artigos e de capítulos de livro. PQs 1A produzem mais capítulos de livro (37,4%) do que artigos (29,6%). Os níveis 1D, 1C e 1B, por outro lado, produzem mais artigos (35,7%, 39% e 35,3%, respectivamente) do que capítulos (23,9%, 23% e 30,9%, respectivamente).

Nas HUM, a produção de capítulo de livro é mais associada à PQs experientes, enquanto pesquisadores menos experientes (ou mais periféricos) engajam-se mais na produção de artigos e, em menor frequência, de trabalhos completos em anais (em média, 21% da produção tanto dos PQs 1C como 1D da EDU). Nesse sentido, o capítulo de livro pode ser considerado um gênero constitutivo do sistema de atividades das HUM, mas pouco expressivo nas outras áreas. Esse gênero não chega a 10% da produção de PQs de diferentes níveis nas CNE e nas TEC, exceto pelo nível 1C da ZOO, em que capítulo de livro representa 14,9% da produção total dos PQs.

Outro gênero recorrente no *corpus* é o trabalho completo em anais. Presente de forma expressiva apenas nas TEC (ver Figura 5), tem *status* semelhante ao do artigo, uma vez que a média de produção dos trabalhos completos variam entre 36,8% (no nível 1A da ELE) e 74% (no nível 1C da MEC) nessa comunidade.

Désirée

Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.

Schmidt

Helena Selbach

126

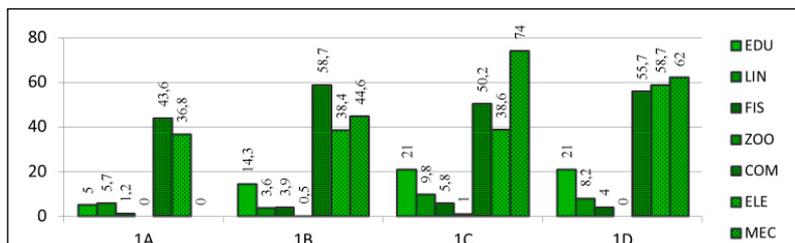


Figura 5 – Gênero trabalho completo por comunidade de prática

Ainda dentro das TEC, há uma relação de contraste entre os gêneros discursivos artigo e trabalho completo. Ao compararmos as três comunidades que a compõem (COM, ELE e MEC) e os níveis PQs entre si, percebemos um aumento gradual na produção de artigos na medida em que consideramos as categorias de PQs mais experientes. Essa relação fica mais explícita na ELE, onde PQs menos experientes (1D) produzem mais trabalhos completos (58,7% da produção) do que artigos (39%) e PQs mais experientes (níveis 1C, 1B e 1A) produzem gradativamente mais artigos (43,7% da produção tanto de PQs 1C quanto 1B e 44,3% da produção de PQs 1A) do que trabalhos completos (38,6%, 38,4% e 36,8% de sua produção, respectivamente).

Já na COM, há produção significativamente maior de trabalhos completos entre os PQs menos experientes e um equilíbrio aparente entre a produção de artigos e trabalhos completos no nível 1A: da produção de PQs de nível 1D, 55,7% é trabalho completo e 36,2% é artigo; da produção de nível 1C, 50,2% é de trabalho completo e 45% é de artigo; dos PQs 1B, 58,7% é de trabalho completo e 36,8% é de artigo; e, considerando a produção de PQs mais experientes (1A), 47,4% é de artigo enquanto 43,6% é de trabalho completo. Podemos dizer, portanto, que artigo e trabalho completo em anais são gêneros discursivos centrais (e têm *status* semelhante) nos sistemas de atividades dessa comunidade.

Na MEC, por outro lado, a produção de trabalho completo é mais contundente, especialmente entre os PQs menos experientes: esse gênero representa 62% da produção de pesquisadores 1D e 74% da produção de PQs 1C. As médias de produção dos PQs mais experientes (de nível 1B, pois não há PQs 1A) aparecem relativamente equilibradas entre os gêneros artigo (48,3%) e trabalho completo em anais (44,6%). Considerando sua recência no contexto acadêmico e seu caráter interdisciplinar, os dados referentes a essa comunidade sugerem uma produção

que evidencia o diálogo entre pares por meio, quase exclusivamente, de artigos e de trabalhos completos em anais, assim como nas outras comunidades em TEC consideradas mais antigas (ELE e COM).

Nas outras duas áreas de HUM e CNE, a produção de trabalho completo é pouco significativa. Apenas em EDU ela aparece mais recorrentemente (21% tanto entre os PQs 1C como 1D), enquanto que a média máxima é de 9,8% em LIN, 5,8% em FIS, e 1% em ZOO, novamente entre PQs 1C como ocorre na área de TEC.

Além desses gêneros discursivos mais frequentes nas sete comunidades investigadas, há gêneros menos recorrentes como o livro, que tem uma produção mínima de 4,2% entre os PQs 1B da MEC, passando por 7,2% entre os PQs 1D da EDU e 11,1% entre os PQs 1B da LIN, chegando a 14,5% entre os PQs 1A da EDU. Se considerarmos esses índices e aqueles referentes a capítulo de livro, vemos que textos veiculados em livro são parte importante do sistema de atividade acadêmica nas HUM e uma prática pouco significativa em CNE e TEC, com, no máximo, 4,2% entre os PQs 1B da MEC, passando por 1,9% entre os PQs 1A da FIS e chegando a zero entre os PQs 1C da MEC, por exemplo.

A ocorrência desses gêneros discursivos mais comuns já aponta diferenças entre as comunidades estudadas. Além disso, há certos gêneros menos recorrentes que enfatizam diferenças entre as áreas. A identificação da produção nesses gêneros, entretanto, foi dificultada por sua designação imprecisa na plataforma *Lattes*. Por exemplo, “textos publicados em jornais e revistas” e “textos em jornais ou revistas (*magazine*)” se referem à mesma seção da plataforma e ambas as designações envolvem publicações do mesmo gênero e incluem, por exemplo, artigo de opinião em jornal, entrevista em revista e editorial para revista. Também o título “outras produções bibliográficas” é impreciso, pois não indica claramente que produções podem se inscrever nessas duas classes, como, por exemplo, boletim epidemiológico, *newsletter*, relatório técnico ou resumo de minicurso. Essa imprecisão de nomenclatura gera inconsistência entre os registros de produção dos PQs, porque o que será incluído em cada seção depende da interpretação de cada pesquisador. Encontramos ainda gêneros cuja descrição não permitia sua identificação ou classificação, por exemplo, “nota interna da Colaboração Pierre Auger” na FIS e “prefácio” não identificado como parte de livro, periódico ou anais na LIN.

Désirée

Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.

Schmidt

Helena Selbach

128

Os dados sobre a produção de gêneros recorrentes em cada comunidade (diferentes dos explorados na seção 3.2) são extremamente complexos, portanto, em razão de limitações de espaço, carecem de atenção em futuras pesquisas. A título de conclusão de nossos resultados, apresentamos observações sobre publicações peculiares a cada comunidade.

Existem gêneros menos recorrentes que fazem parte do sistema de atividades das comunidades e são incluídos nos CVs *Lattes* dos PQs. Estes podem ser mais ou menos academicamente orientados, como, por exemplo, prefácio, entrevistas em revistas, artigos de opinião em jornais. Essa produção de “outros gêneros” é identificada em 131 (28,1%) dos 466 CVs *Lattes*, como parte da “produção bibliográfica” especificamente nas seções “textos em jornais ou revistas (*magazine*)” e “outras produções bibliográficas”. Esses textos, por não serem publicações *Qualis* ou por não se enquadrarem nas categorias de produção científica do *Lattes*, acabam sendo registrados sob a designação genérica de “texto em jornal e revista” ou “outras produções”. Nomeamos de “outros gêneros” toda a produção encontrada nessas duas seções entre os CVs *Lattes* estudados.

Dos 131 CVs que incluem esses “outros gêneros”, chama a atenção a diferença entre as comunidades quanto ao número de PQs que se engajam em gêneros menos típicos na academia, totalizando 77 em HUM (54 da EDU e 23 da LIN), 37 em CNE (27 da FIS e 10 da ZOO) e apenas 17 em TEC (10 da COM, quatro da ELE e três da MEC). Essas diferenças no número de PQs que produzem esses gêneros e o tipo de produção incluída em “outros gêneros” indicam peculiaridades a cada comunidade.

Com relação à comunidade de LIN, por exemplo, foi possível identificar 22 práticas de publicação incluídas em “outros gêneros”. Dentre todos os 23 PQs de LIN (em todos os níveis) que produzem “outros gêneros”, “Pre/Posfácio/Apresentação” representa a produção mais recorrente. Nessa comunidade, há inclusive um aumento gradual da produção de “Pre/Posfácio/Apresentação” na medida em que o PQ se torna mais experiente.

Em todas as comunidades, verificamos que os gêneros da seção “outras produções” variam desde texto em portal especializado (por exemplo, publicação na *Chemical & Engineering News Magazine*), vinculados à comunidade do pesquisador, passando por artigo e entrevista em revista de divulgação científica (por exemplo, *Scientific American Brasil*, *Ciência Hoje*, *Revista na Ponta do Lápis*) para uma audiência externa à comunidade do pesquisador, até gêneros como material didático, obituario, boletim epidemiológico, relatórios técnicos e pôsteres.

4. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos identificar as práticas de letramentos peculiares a sete comunidades em três áreas de conhecimento, analisando o perfil de publicação de PQs, em todos os níveis da categoria 1 do CNPq. Ao todo, analisamos o CV *Lattes* de 466 PQs a fim de quantificar e classificar sua produção escrita no período de 2012 a 2015.

Enquanto estudos prévios dedicam-se à análise exclusivamente do gênero discursivo artigo, considerando-o como prática fundamental para que qualquer pesquisador exerça um papel em sua comunidade, consideramos a complexidade dos sistemas de atividades das áreas investigadas a partir da produção escrita dos PQs nos diversos gêneros mencionados em seus CVs *Lattes*.

Vista em sua diversidade, a produção escrita dos PQs revela particularidades associadas à comunidade específica da qual eles participam. Essas variações na produção escrita evidenciam os diferentes graus de relevância que um mesmo gênero discursivo pode assumir em distintos sistemas de atividades. Por exemplo, as comunidades de CNE destacam-se pela altíssima produção de artigos, enquanto que, nas HUM, um gênero central ao sistema de atividades é o capítulo de livro, que ultrapassa as médias de produção de artigo, diferentemente das demais comunidades. Já nas TEC, o trabalho completo em anais é o gênero que recebe destaque: juntamente com artigo, parece essencial aos sistemas de atividades na COM, na ELE e na MEC.

A análise dos CVs *Lattes* também mostrou que, com relação ao gênero social e à distribuição geográfica, o perfil dos PQs reafirma dados de estudos prévios (MENDES *et al*, 2010; ALVES, YANASSE, SOMA, 2014): nas áreas de CNE e especialmente nas TEC, a maioria dos PQs é do gênero social masculino, enquanto nas HUM há uma predominância feminina.

Quanto à localização geográfica das instituições de pesquisa, verificamos que mais da metade dos PQs da amostra, em cada comunidade, estão vinculados a uma instituição situada na Região Sudeste, seguida pela Região Sul, em contraste com menor atuação dos PQs nas Regiões Norte, Centro-Oeste e no Distrito Federal. Essas diferenças se justificam pelo elevado número de instituições de ensino superior na Região Sudeste (49%), conforme verificado em levantamento do Minis-

Désirée

Motta-Roth

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

Ana Paula C.

Schmidt

Helena Selbach

130

tério da Educação e Cultura (MEC) em 2011.¹² Outro possível motivo para essa distribuição geográfica desigual é a diferença entre os montantes de recursos investidos pelas diferentes agências estaduais de fomento. Por exemplo, o estado de São Paulo investiu R\$ 3,9 bilhões em pesquisa em 2010, enquanto Santa Catarina direcionou a quantia de R\$ 46, 9 milhões no mesmo período.¹³

Nossa análise sobre as “práticas de produção, consumo e distribuição de textos” (FAIRCLOUGH, 1992, p. 78) em comunidades discursivas específicas busca oferecer subsídios tanto para pesquisas sobre letramentos acadêmicos como para o ensino de produção textual acadêmica. Serve, portanto, como evidência dos gêneros mais produzidos e valorados em diferentes comunidades e das “práticas de letramento vivenciadas rotineiramente em laboratórios de pesquisa específicos” (MOTTA-ROTH, 2013, p. 14).

Nesse sentido, esta análise desenha uma “topografia” de comunidades que interessam ao nosso projeto guarda-chuva “Letramento acadêmico/científico e participação periférica legítima na produção de conhecimento”(MOTTA-ROTH, 2013), oferecendo ponto de referência para subprojetos em andamento¹⁴. Em última instância, nosso objetivo é identificar

[...] a percepção desses participantes sobre suas próprias práticas de letramento, com perguntas tais como: Em que situações e com que frequência cada membro lê, sobre que temas, que gêneros, para que finalidade? Quem escreve para quem em sua comunidade? Quem publica? Onde? Por quê? Quais são as maiores dificuldades e em que medida engajar-se em atividades de letramento em português ou em uma língua adicional é mais/menos importante na sua atividade cotidiana? (MOTTA-ROTH, 2013, p. 15)

12 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13944-produto-1-senso-educ-superior-pdf&Itemid=30192>.

13 Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2012/09/14/um-pais-dois-modelos/>>.

14 No momento, temos três subprojetos em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, sob orientação da primeira autora. Anelise Scotti Scherer está em fase de finalização de sua tese de doutorado intitulada “Letramento acadêmico/científico em uma comunidade de prática de produção de conhecimento em ensino de Artes Visuais”. Também em fase de finalização, Ana Carvalho Schmidt enfoca a área de Letras, com sua dissertação de mestrado intitulada “Eu acho que esse papo deveria ser mais aberto”: discursos sobre autoria acadêmica em uma comunidade de estudos linguísticos”. Por fim, Helena Vitalina Selbach desenvolve a tese de doutorado intitulada “Letramentos Acadêmicos e Robótica?": um estudo de letramentos acadêmicos e participação periférica legítima em uma comunidade universitária, com defesa prevista para 2018.

Entendemos que o ensino de produção textual acadêmica deve ser informado por pesquisas sobre as práticas de letramentos nesses contextos, levando em consideração as diferenças entre as práticas sociais em que os participantes de cada comunidade se engajam em seus diferentes deslocamentos no processo de formação profissional.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. D.; YANASSE, H. H.; SOMA, N. Y. Perfil dos bolsistas PQ da área de química baseado na plataforma Lattes. **Química Nova**, São Paulo: USP, v. 37, n. 2, p. 377-383, 2014.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa**. Trad. Benedito Gomes Bezerra. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

CASTRO, A. E. F.; YAMAMOTO, O. H. A psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de Psicologia**, Natal: UFRN, v. 3, n.1, p. 147-158, 1998.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM-COFEN (Brasil). **Produto 2: Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos Regionais**. Brasília: COFEN, 2011. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO-CNPq (Brasil). **Bolsas/Plataforma Lattes**. Brasília: CNPq, 2016. Disponível em: <<http://cnpq.br/bolsistas-vigentes>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

HENDGES, G. R.; MOTTA-ROTH, D. Padrões de citação em artigos acadêmicos eletrônicos. **Expressão**, Santa Maria: UFSM, v. 3, n. 2, p. 76-83, 2000.

- Désirée
Motta-Roth
Amanda M. Pretto
Anelise S. Scherer
Ana Paula C.
Schmidt
Helena Selbach
-
- 132
- HERCULANO, R. D.; NORBERTO, A. M. Q. Análise da produtividade científica dos docentes da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília/SP. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte: UFMG, v. 17, n. 2, p. 57-70, 2012.
- LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. New York: Cambridge University Press, 1991.
- MARCUZZO, P. O gênero notícia de popularização da ciência: objetivo comunicativo e organização retórica. **Interdisciplinar**: Revista de Estudos em Língua e Literatura, Sergipe: UFS, v. 9, p. 91-99, 2009.
- MENDES, P. H. C.; MARTELLI, D. R. B.; SOUZA, W. P.; FILHO, S. Q.; MARTELLI-JÚNIOR, H. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em medicina no CNPq, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica-ABEM, v. 34, n. 4, p. 535-541, 2010.
- MOTTA-ROTH, D. Same genre, different discipline: a genre based study of book reviews in academe. **The ESPECIALIST**, São Paulo: PUC-SP, v. 17, n. 2, p. 99-131, 1996.
- MOTTA-ROTH, D. Redação acadêmica: princípios básicos. 1. ed. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2001.
- MOTTA-ROTH, D. A dinâmica de produção de conhecimento: teorias e dados, pesquisador e pesquisados. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte: UFMG, v. 3. n. 1, p. 165-177, 2003.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MOTTA-ROTH, D. **Letramento acadêmico/científico e participação periférica legítima em comunidades de produção de conhecimento**. Projeto de Pesquisa (Bolsa PQ/CNPq nº 309668/2013-1) – Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

NASCIMENTO, R. G. **A interface texto verbal e texto não-verbal no artigo acadêmico de engenharia elétrica**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Santa Maria, RS: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. 2002.

POWELL, W. W.; SNELLMAN, K. The knowledge economy. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, CA, v. 30, p. 199-220, 2004.

RODRIGUES, R. de O. Pós-graduação na Amazônia: o desafio de formar (em) redes. **Revista Brasileira Pós-Graduação**, Brasília: CAPES, v. 11, n. 23, p. 19-45, 2014.

RUSSELL, D. Rethinking genre in school and society: an activity theory analysis. **Written Communication**, Twin Cities: University of Minnesota, v. 14, n. 4, p. 504-554, 1997.

SANTOS, E. Â. dos. Profissão docente: uma questão de gênero? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth_Angela_dos_Santos_08.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

SANTOS, M. I. P.; SILVEIRA, M. F.; OLIVEIRA, E. de A.; MARTELLI, D. R. B.; DIAS, V. O.; VERÍSSIMO, F. M.; OLIVEIRA, R. A. D.; MARTELLI-JUNIOR, H. Avaliação da produção científica, patentes e formação de recursos humanos da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília: Associação Brasileira de Enfermagem-ABEn, v. 68, n. 5, p. 846-854, 2015.

SANTOS, W. M. dos; PADOIN, S. M. M.; LACERDA M. R.; GUETERRES, E. C. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa na área da enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFPE online**, Recife: UFPE, v. 9, n. 2 (supl.), p. 844-850, 2015.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n. 17/18, p.81-103, 2002.

WEBER, J. L. A.; RAMOS, C. C.; MESTER, A.; LINDERN, D.; HÖRLE, K.

*Désirée
Motta-Roth*

Amanda M. Pretto

Anelise S. Scherer

*Ana Paula C.
Schmidt*

Helena Selbach

R.; SOUZA, C. S.; PIZZINATO, A.; ROCHA, K. B. Perfil dos pesquisadores bolsistas de produtividade científica em psicologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Estudos de Psicologia**, Campinas: PUC-Campinas, v. 32, n. 1, p. 1-11, 2015.